

ELEMENTOS DE UMA TEORIA SOCIAL DO ESPAÇO: CONVITE AO PENSAMENTO DE MILTON SANTOS.

João Santos Nahum. Doutor em Geografia (UNESP-Rio Claro).
Docente da FGC/PPGEO/UFPA.
Email: prof.joaonahum@gmail.com

RESUMO

O artigo expõe traços da teoria social do espaço em Milton Santos. Inicialmente situa o campo discursivo de seu pensamento para indicar alguns pontos de sua agenda de trabalho, bem como suas críticas ao saber/fazer da geografia o que nos conduz a teoria social do espaço por ele esquematizada. Para tanto, privilegiamos as obras *Por uma Geografia Nova, Espaço e Método*, *Metamorfoses do Espaço Habitado* e *A Natureza do Espaço*, por se tratar de quatro emanações de sua construção rumo a seu doloroso aprimoramento filosófico, epistemológico e conceitual. Longe de uma hermenêutica, estamos nos primeiros passos de uma epistemologia da geografia miltoniana, um convite ao pensamento miltoniano.

Palavras-chave: Teoria social, Espaço; Pensamento; Milton Santos.

INTRODUÇÃO

No pensamento de Milton Santos encontramos fundamentos teórico-metodológicos e um sistema conceitual que aborda as problemáticas e perspectivas da sociedade tendo o espaço como personagem principal. Sua geografia interpreta a sociedade se espacializando, tornando inteligível como os seres humanos deixam marcas e estas influenciam nas suas vidas e de outros seres do reino vegetal e animal. Trata-se da ação espacial, ação humana cristalizada. Espaço morada do homem, “habitação do homem” (SANTOS, 1991¹⁸, p.23).

Em Santos; Silveira (2001) essa ontologia testa seu potencial analítico e operacional ao interpretar a sociedade e o território brasileiro à luz da sucessão e coexistência de meios geográficos, tendo como ponto de partida “o território utilizado” (Santos; Silveira, 2001, p. 247). Procurando suprir a lacuna geográfica no *hall* das teorias sociais do Brasil, convidam-nos a construir uma narrativa do Brasil a partir da dimensão espacial, reafirmando o projeto de uma geografia capaz de unificar aquilo que frequentemente vivemos e percebemos de modo separado.

Encontramos na elaboração de Milton Santos uma teoria social que interpreta a sociedade a partir de sua dimensão espacial. Nesse texto objetiva-se indicar os traços gerais dessa teoria. Para tanto, situamos o campo discursivo de seu pensamento para indicar alguns pontos de sua agenda de trabalho, bem como suas críticas ao saber/fazer

18 Primeira edição em 1982.

da geografia o que nos conduz a teoria do espaço por ele esquematizada. Dentro de seu profícuo trabalho, privilegiamos *Por uma Geografia Nova*(1978), *Espaço e Método*(1985), *Metamorfoses do Espaço Habitado*(1988) e *A Natureza do Espaço*(1996) por se tratar de quatro emanções de sua construção rumo a seu doloroso aprimoramento filosófico, epistemológico e conceitual. Mas o leitor não está diante de uma hermenêutica do pensamento miltoniano, isso exigiria delinear suas fontes constitutivas, rupturas e continuidades. Expomos os primeiros passos de uma epistemologia da geografia miltoniana, um convite a pensar *com* Milton, reconhecer seu legado e continuar a construção da teoria social do espaço.

CAMPO DISCURSIVO

A teoria social do espaço miltoniana integra o conhecimento ocidental, privilegiando a ciência, a filosofia e a epistemologia, mas transitando por fundamentos plurais, multidisciplinares, compartilhados por distintos campos de saber. Trata-se de um pensamento que tem na noção de totalidade o princípio filosófico nuclear. O todo é a propriedade emergente da sobreposição das partes, fundamento imprescindível para compreendermos a abordagem de Milton, por se tratar de uma reflexão sobre o todo se totalizando (Santos, 2006¹⁹a, p. 113-128; Santos, 2004²⁰a, p. 235-247; Santos, 2003²¹, p. 187-202). O todo está em toda parte, mas a “totalidade não é uma simples soma das partes” (SANTOS, 2006a, p. 115).

Assim, uma situação geográfica tem sua dinâmica relacionada a totalidade nas suas várias escalas e mediações. Por conseguinte, podemos interpretar a paisagem, a configuração espacial e a dinâmica social de uma região como totalização de um mesmo modo de produção mundial que se realiza diferentemente em cada espaço, mediado “pelo Estado, demais instituições e do conjunto de agentes da economia, a começar pelos seus atores hegemônicos” (SANTOS, 2008²², p. 52-3). Entende-se desse modo a anatomia e “desculturização” (SANTOS, 1992²³, p. 46) das paisagens metropolitanas ou mesmo a monotonia das monoculturas rurais, como exemplos de paisagens “desterritorializadas” (SANTOS, 2006a, p. 328).

19 Primeira edição em 1996.

20 Primeira edição em 1978.

21 Primeira edição em 1978.

22 Primeira edição em 1988.

23 Primeira edição em 1985.

A inteligibilidade do lugar passa pela compreensão do mundo e vice-versa, clarificado pelas mediações da técnica, da política, do território, seus agentes e processos, sem ceder ao erro dualista de reduzir o lugar ao reflexo do global (Santos, 2005²⁴, p. 155-164). O ponto de partida é a totalidade, o todo em movimento (Santos, 2003, p. 187-202; 2006a, p. 113-128) e as categorias constituem sistemas conceituais onde a paisagem veste o espaço, que remete a um lugar associado a outros lugares originando uma região que interage com outras no território nacional, que por sua vez dialoga com as lógicas espaciais globais.

A elaboração de Milton mostra que para apreender o todo, tornando-o inteligível, explicável e analisável, precisamos de artefatos analíticos e conceituais críticos para superar os “conceitos puros” (SANTOS, 2005, p. 137) postulantes de que o que é paisagem não é espaço, o que é região não é território, enfim que remetem às definições dissociadas. A crítica deve ir além do nominalismo metafísico da essencialidade dos processos e substância em si.

Espaço e paisagem são inseparáveis, “o espaço, o espaço-paisagem, é testemunho de um momento de um modo de produção nestas suas manifestações concretas, o testemunho de um momento do mundo” (SANTOS, 2004a, p.173). De modo que, não existe paisagem fora do espaço, do lugar, da região e do território. Sendo assim, é inconsistente definir paisagem pela paisagem, uma vez que a ciência do espaço não opera com definições, e sim por categorias e conceitos, cujo papel analítico é ligar a parte ao todo e é só no interior de um sistema explicativo que o conceito deve ser entendido.

Em Milton a totalidade transita pela dialética ser/existir, presença/ausência tão necessária à inteligibilidade do ser *no* mundo e o mundo *no* ser. Em Sartre (2002²⁵) são abundantes as pistas para compreensão da teoria social do espaço miltoniano, tais como a concepção de totalização pluridimensional, a ideia de acontecimento, evento e situação, o entendimento de ser humano enquanto projeto, a noção de totalidade e totalização, bem como de totalidades vivas, sistema conceitual e crítica às definições puras. Milton assimila a teoria da *práxis* espacial, que apreende o criador na criatura, tal como nos fala Sartre (2002), “para nós, o homem caracteriza-se, antes de tudo, pela superação de uma situação, por aquilo que consegue fazer do que foi feito dele, embora nunca se reconheça em sua objetivação” (SARTRE. 2002, p.77).

24 A primeira edição foi em espanhol, pela editora Oikos Tau, Barcelona, em 1996.

25 Publicado em 1960.

O diálogo com a dialética sartreana possibilita ao pensamento miltoniano ressignificar o espaço como categoria filosófica (Santos, 1988), aproximando-o da sociedade e propondo a noção de formação sócio-espacial (Santos, 2005), para reconstituir no presente as diversas camadas da morfologia social, ressaltando como o espaço se torna “instância da sociedade” (Santos, 1992, p .1), condição de existência posto que ser implica existir. A existência espacial enquanto práxis, não resulta da ação individual, social ou coletiva. Ninguém constrói ou escolhe individualmente a espacialidade de sua vida. É o espaço que nos acolhe ou recolhe, porquanto ele manifesta a cristalização de ações sociais, inseridas num campo de intencionalidades. Isso porque não vivemos no espaço geográfico, mas utilizamos dessa categoria analítica para entendermos a dimensão espacial de nossa existência. O ser só é ser quando existe.

Na conferência *O existencialismo é um humanismo* Sartre (2012²⁶) sustenta que a existência precede a essência, tal como em *Questões de Método* Sartre (2002), o núcleo da reflexão é entender as relações dos seres humanos com suas condições materiais de existência tais como enunciadas por Marx (2008) “os homens fazem a sua própria história, mas não o fazem segundo a sua livre vontade, em circunstâncias escolhidas por eles próprios, mas nas circunstâncias imediatamente encontradas, dadas e transmitidas pelo passado” (MARX, 2008²⁷, p. 207). Sartre (2002) critica a razão dialética reinante na ortodoxia marxista que convida ao voluntarismo, lembra-nos que em Marx “são os próprios homens que fazem sua história, mas em determinado meio que os condiciona [...] {Sartre pergunta} Com efeito, como se deve entender que o homem faz a História se, em outro contexto, é a História que o faz?” (SARTRE, 2002, p.73). Aqui temos a crítica reveladora do meio enquanto prático-inerte, isto é, o ser atua nesse meio, mas dentro de condições herdadas.

A teoria de Milton situa-se no interior do campo discursivo que reflete a relação entre ser e existir (Santos, 1988). Sustenta “o espaço como acumulação desigual de tempos” (2004a, p. 256), prático/inerte, numa linguagem sartreana, “algo” que está ali influenciando ações, palco e produto destas (Sartre, 2002). Isso porque nós estamos no mundo e ele está em nós. A dialética ser/existir questiona o dualismo sujeito/objeto, sustenta que existe um mundo dentro do ser e o ser está no mundo. A dimensão espacial da existência revela isso quando ressalta como as ações humanas deixam suas marcas no mundo e estas se tornam condição para reprodução das ações. A dialética do

26 Conferência proferida em 1946.

27 Publicado em 1852.

ser/existir pode ser lida como existência e não-existência. Em nós e no mundo convivem o ser e não-ser, sucessão e coexistência. A dimensão espacial revela a impermanência, manifesta o existir e o não-existir, “visível e invisível” (Santos, 1988, s/p). E isso é possível quando consideramos a relação entre tempo e espaço mediada pela técnica (Santos, 2006a, p. 29-59; 1994, p. 61-67).

Outro elemento desse campo discursivo é o diálogo entre técnica, tempo e espaço, bem como a análise integradora do tempo/espaço. Aqui a técnica é uma categoria analítica utilizada para mostrar a espacialização do tempo, tal como fato social condicionante da existência e criadora de uma sociabilidade. Toda técnica é história e espaço, sendo a história da técnica a narrativa do tempo que se espacializa, o que faz Milton propor para a geografia o pseudônimo de “filosofia das técnicas” (Santos, 1988, s/p; Santos, 1992, p.13; Santos, 1994, p.64) capaz de reconstituir a totalidade tendo a técnica como elemento unificador, mostrando a espacialidade como totalidade técnica, empiricamente realizável, o tempo no espaço.

É do interior desse campo analítico que Milton endereça críticas à geografia, sistematizadas com maior ou menor intensidade nos trabalhos de enfrentamento metodológico e epistemológico (Santos, 1988, 1992, 1996²⁸, 2004a, 2006a, , 2008). A construção de sua teoria social do espaço começa pelo exame crítico da geografia herdeira da modernidade que se firma na criação científica a partir do século XVII (Santos, 2004a, p. 29-121), sobretudo as pretensões científicas de seus fundadores (Santos, 2004a, p. 29-44), sua herança filosófica (Santos, 2004a, p. 45-57) e o entendimento de ciência que interpreta o mundo por meio de conceitos puros norteados pela razão instrumental. Igualmente questiona a representação de ciência como espelho da natureza e a totalidade como somatória das partes; cuja dinâmica seria inteligível por meio das relações de causa e efeito, paradigmaticamente alicerçado numa leitura da mecânica de Newton e na ideia de que sua física forneceria as leis do pensamento.

No período entre 1850 e 1950 o propósito da geografia era se firmar científica e epistemologicamente, bem como situar-se na constelação dos saberes, seja como natural ou social, sintético ou de elaboração própria, regional ou global, geral ou particular (Santos, 1996, 2004a; 2006a). Secundariza-se a elaboração do objeto, isto é, o corte analítico do/no real, ainda que pensado de modo eminentemente empírico, sem conteúdo teórico-metodológico e filosófico-epistemológico (Santos, 2004a, p.140-153), (Santos, 2006a, p.72-83).

28 Primeira edição em 1978.

Longe disso, Milton concentra-se na elaboração, aprimoramento e proposição de fundamentos filosóficos, teóricos e metodológicos necessários à construção do objeto da geografia (Santos, 1996, p. 33-49 e 59-65; 2006a, p. 18; 2008, p. 25-39). Neste sentido, faz-se necessário clarificar o objeto de investigação, pois é isso que funda a ciência. Daí a insatisfação com a timidez do geógrafo em delinear e expor seu objeto de pesquisa. Tal empreita exige superar os dualismos de base da geografia, onde ora se discute o estatuto científico ora o objeto; ou a sair da gangorra entre ciência natural ou humana, ciência geral ou regional. Indefinições que influenciam na constituição do objeto, oscilando entre natureza física ou humana.

A abordagem sobre o tempo, deslocado do espaço e sinônimo de sucessão, evolução, etapa, marco, acontecimento, data, linearidade recebe a crítica de Santos, (2006a, p. 143-168), Santos (2004a, p. 249-260). O tempo, quando considerado, dissolve-se na narrativa de uma história, com origem, personagens, ações e resultados, a partir de marcação de determinados tempos/datas. A trajetória espacial de um lugar confunde-se com ação individual ou coletiva de pessoas, empresas e instituições; como se os homens fizessem a história, desconsiderando a dimensão espacial da existência. Milton critica tanto a leitura de tempo linear quanto sua negligência quando se fala em ecúmeno, habitat, arranjo espacial, como se o fossem imunes ao tempo.

O período atual é lido como período da globalização (Santos, 2006b²⁹, 1994). Nele o discurso do globalitarismo instiga a ideia de que só existe um modo de pensar e uma só perspectiva de existência, como se outro mundo não fosse possível. O que é uma impossibilidade filosófica, epistemológica e ontológica, afinal não existe o todo em si, somente em manifestação, pois nenhuma parte pode ver o todo, contemplá-lo na sua totalidade (Santos, 2005, p.32-51). Temos espaços da globalização e não globalização do espaço. Espaços de globalização expressando-se em cada lugar (Santos, 2005, p.145-170). Tal como não existe o todo senão em manifestação, também não temos globalização destituída de lugar.

AGENDA DE PESQUISA

A agenda de pesquisas miltoniana orienta-se para edificar os fundamentos de uma geografia brasileira descolonizada, com formulação teórica e compromisso com a realidade e o futuro do país (Santos, 1993, pp.209-219). Entende que “o papel atribuído

29 Primeira edição em 2000.

à geografia e as possibilidades de uma intervenção válida dos geógrafos no processo de transformação da sociedade são interdependentes e decorrem da maneira como conceituamos a disciplina e seu objeto” (SANTOS *et al*, 2004, p. 254). Nessa postura Milton dialoga com temas atuais da sociedade latino-americana e, em particular, brasileira, tais como pobreza urbana (Santos, 2013³⁰), cidadania e espaço (Santos, 2007³¹), problemas do urbano e da economia regional nos países latino-americanos (Santos, 2009³²; 2004^{33b}).

Esta agenda tem por meta construir uma ontologia do espaço (Santos, 2006a. pp.29-110) que integre o ser/existir e tempo/técnica, sustentado num sistema conceitual e conjunto de categorias internas. Neste esforço não encontramos uma teoria do sujeito que não esteja no espaço, tampouco das classes sociais, da luta de classes, de perspectiva de cultura, de ecologia. No índice onomástico da *Natureza do Espaço* (Santos, 2006) não temos as palavras sujeito, classe social, agente, ator, pois a análise do espaço contém grupos e classes sociais, bem como cultura, economia, política e ecologia. Mas o espaço é o personagem principal.

O núcleo desta agenda é tornar inteligível o todo a partir da dimensão espacial. O todo é reconstituído analiticamente por meio de seu fracionamento. No entanto, o objeto de investigação não pode ser encarado no sentido objetivista, confundindo-o com o mundo visível, também não se trata de um objeto subjetivista, fruto de sua imaginação (Santos, 2004a, 2006a), mas de um olhar geográfico, que permite eleger o espaço como objeto de reflexão da totalidade. Ninguém vive o todo, mas no todo, na parte, cuja inteligibilidade passa pela compreensão do todo. A totalidade enquanto síntese de múltiplas determinações, unidade na diversidade (Marx, 2011³⁴).

Tal como Lefebvre (2013³⁵) Santos (2004a, 2006a, 2008, 1992) não resume o espaço a área, limite, extensão, muito menos considera apenas os usos do espaço pelos agentes em suas múltiplas relações. Ele se refere a um espaço objeto de reflexão que exige um sistema conceitual lentamente aprimorado. Em determinado momento o espaço torna-se analisável por meio das formas, funções, estruturas e processo (Santos,

30 Primeira edição 1978.

31 Primeira edição 1987.

32 Primeira edição 1982.

33 Primeira edição 1978.

34 Publicados em 1939.

35 Publicado em 1974.

1992), ora pela reunião de paisagem, configuração espacial e dinâmica social (Santos, 2008), noutro momento sistema de ações e sistema de objetos (Santos, 2006a). Ele se reconstrói *pari e passu* com as metamorfoses do devir social.

Outro ponto na agenda de pesquisa é estruturar uma teoria crítica do espaço capaz de assimilar o tempo, com vista a construir uma geografia do presente (Santos, 2006a, p. 143-165). Considerar o tempo no espaço se distanciando da noção de sucessão de passado, presente e futuro, isto é, fundamentar uma geografia do tempo enquanto ser/existir, presença/ausente, sucessão/coexistência. A narrativa da sociedade a partir do espaço, passa por mostrar a trajetória deste não como a do espírito nos moldes dos *Princípios da Filosofia do Direito* de Hegel(1990³⁶), nem da evolução dos estágios como no *Catecismo Positivista* de Comte(1991³⁷), nem dos modos de produção como marxismo evolucionista, e sim como sucessão e coexistência dos sistemas de natureza, isto é, estamos na presença de elementos do reino vegetal, animal e mineral criados anteriormente a vida humana, que a influenciam, bem como sofrem sua influência. Natureza associada a ação humana, para além da dualidade moderna por ele criticada.

Derivando daí a releitura dos sistemas de natureza que aparece nas obras finais, muito ainda em linhas gerais, sobretudo quando se refere ao meio natural. Em Santos; Silveira (2001) encontramos a formação do território brasileiro tendo como ponto de partida o espaço enquanto sucessão e coexistência de meio e período geográficos para se chegar à categoria do território usado, levando-se em conta, “a interdependência e a inseparabilidade entre a materialidade, que inclui a natureza, e o seu uso, que inclui a ação humana, isto é o trabalho e a política” (SANTOS; SILVEIRA, 2001, p.247), ou seja, “ são objetos e ações, sinônimos de espaço humano, espaço habitado (SANTOS, 2005.p.138). Estamos diante de uma proposição metodológica e um instrumento analítico imprescindíveis para apreender o movimento em repouso ou o repouso em movimento, obras e seus criadores umbilicalmente relacionados por meio de muitas mediações.

Santos (1988) havia proposto a noção de formação social como teoria e método de investigação para compreender a dimensão espacial enquanto condição para reprodução do modo de produção. Na década de 1990, Milton está demasiadamente preocupado em sintetizar e expor a teoria do espaço, cujos pilares estruturantes mostrou em *Por uma geografia nova* (1978). Assim, em *A natureza do espaço* (1996)

36 Publicada em 1817.

37 Publicado em 1852.

encontramos a proposição de meio, período e evento geográfico tornando inteligíveis o que o autor chama de natureza do espaço. Nesse momento sua elaboração prioriza o meio técnico e o técnico-científico-informacional em detrimento do meio natural, não dispensando atenção necessária a elucidar das metamorfoses do trabalho em técnica, objetos e sistema técnicos, igualmente nada se encontra sobre os períodos de transição de um meio para outro. Aqui provavelmente reside parte de seu legado às gerações futuras e o convite a pensar com Milton Santos e não sobre ele, pois sua elaboração, como toda teoria geral, configura-se como grande hipótese de trabalho, menos pelos resultados a que chegou e mais pelas possibilidades que propõe.

Desde então, Santos (2006a, 2004, 1994) elabora o espaço enquanto sucessão e coexistência de meios geográficos, manifestações de como a ação humana ressignifica o reino mineral, vegetal e animal pelo trabalho, técnica e política. Em largos traços podemos dizer que no meio natural ou pré-sistemas técnicos havia a técnica, mas a ação humana ainda não construía grandes objetos geográficos integrantes ao espaço. A técnica era móvel, resumia-se a extensão do corpo humano exemplificada no machado, enxada, pá, martelo, terçado, serra, canoa, remos, dentre outros, que potencializavam a força física humana e animal. Quando Milton se refere ao meio natural não está dizendo que ele passou, mas sim que é um meio geográfico onde a técnica ainda é extensão do corpo humano; a ação desta ainda é limitada e não edifica sistemas técnicos com capacidade de comando. Mas o meio geográfico natural e suas técnicas não pertencem a aurora da humanidade.

Pensando com Milton, podemos dizer que no meio natural, o complexo hidroelétrico de Belo Monte era uma possibilidade em latência, nele está a bacia do Xingu formada por rios com potencial energético. Potencial cuja sociedade ainda não dispunha de condições técnicas e políticas para estruturá-lo na forma de um objeto geográfico chamado Usina Hidroelétrica. Mesmo na década 1970, mesmo quando a Eletronorte planejava a expansão hidrelétrica na Amazônia e o complexo do Xingu estava na concepção da tecnocracia do setor energético, não havia condições políticas para materialidade deste sistema técnico.

Na segunda década do século XXI, a concepção do complexo hidroelétrico de Belo Monte encontra nas políticas implementadas nas duas gestões do governo Luís Inácio Lula da Silva (2003/2006 e 2007/ 2011) condições para estruturá-la na configuração espacial da região. Para tanto, a atuação da tecnocracia estatal propagadora duma representação de espaço benéfica para todos, silencia e/ou minimiza

as esquizofrenias espaciais inerentes aos processos de implantação dos grandes projetos na Amazônia paraense e assim reorganiza-se a paisagem, a configuração espacial, a dinâmica social, enfim o espaço geográfico. Altera-se a lógica do rio, fauna, flora e modo de vida dos povos e população que têm suas condições de existência secularmente desenhadas dialogando com o rio. É neste sentido, que no meio técnico-científico-informacional, o complexo Belo Monte pode ser lido como evento, demarcador de um período geográfico. Desde então o olhar geográfico sobre a região do Xingu tem no complexo um demarcador de períodos geográficos diferentes. Portanto, a narrativa dos sistemas de natureza e de meios geográficos segue o ritmo de sucessão e coexistência.

O ESPAÇO SOCIAL

O pensamento de Milton Santos assume a responsabilidade de construir o que Henri Lefebvre, a partir do exame da reflexão epistemológica e filosófica sobre o espaço, chama “de ciência do espaço” (LEFEBVRE, 2013, p. 68). Herda os traços constitutivos basilares do pensador francês sobretudo a noção espaço social enquanto palco, produto e condicionante da ação humana. Na *Produção do Espaço*(1974) encontramos muitas reflexões retomadas na *Natureza do Espaço*(1996) pelo geógrafo brasileiro ao elaborar a noção de espaço “como um conjunto indissociável de sistemas de objetos e sistemas de ações” (Santos, 2006a, p. 22); por exemplo, “o espaço (social) não é uma coisa, um produto qualquer entre os produtos: mas bem envolve as coisas produzidas e compreende suas relações em coexistência e simultaneidade: em sua ordem ou desordem[...] (Lefebvre, 2013, p.129) (tradução do autor). Mas isso é insuficiente para situá-los no mesmo campo epistemológico.

Henri Lefebvre é um continuador do pensamento de Marx que procura atualizá-lo a partir de questões que ainda não estavam totalmente claras no horizonte do século XIX, por exemplo a reprodução das relações de produção, por meio da qual Lefebvre (2013) começa sua elaboração do espaço social “qual é exatamente o modo de existência das relações sociais? [...] O estudo do espaço permite responder que as relações sociais possuem existência social em tanto que tem existência espacial; se projetam sobre o espaço, se inscrevem nele, e nesse curso o produzem” (LEFEBVRE, 2013, p. 182) (tradução do autor).

No pensamento miltoniano o espaço revela a dimensão geográfica do mundo e o faz a partir do lugar. O espaço enquanto a totalidade totalizando-se na dimensão da

paisagem, da configuração espacial, na escala local, regional, territorial ou mesmo global. A interdependência imprime singularidade aos lugares. Uma empresa pode comandar filiais em vários países, mas isso não implica que estas funcionem de qualquer maneira e à despeito das normas e resistências dos lugares (Santos, 2005, p.155-163).

Sob o espaço, o tempo se move como sucessão e coexistência, em “cada lugar, os sistemas de sucessivos do acontecer social distinguem períodos diferentes, permitindo falar de hoje e de ontem” (SANTOS, 2006a, p. 159). Na sucessão há repouso; não há sucessão em si, esta regula-se por normas e regras, densidade normativa, mas não significa previsibilidade, nem sucessão aleatória. O espaço muda, mas permanece, apreende-se a mudança a partir da permanência. A noção de rugosidades espaciais ressalta as “heranças físico-territoriais, mas também como heranças socioterritoriais ou sociogeográficas” (SANTOS, 2006a, p. 43). Trata-se do “espaço construído, o tempo histórico que se transformou em paisagem, incorporado ao espaço” (SANTOS, 2004a, p. 173).

O espaço deixa seu testemunho às gerações, sucessão e coexistência são mediadas pela técnica que assume espacialidade. A complexidade e qualidade do objeto técnico estão relacionadas à qualidade e complexidade do saber/fazer e a sua intencionalidade. Quando essa intencionalidade desconsidera a dimensão espacial temos, por exemplo, um saber/fazer que origina próteses espaciais como hidrelétricas, “correias de transmissão dos objetivos dos atores hegemônicos, da cultura, da política, da economia” (SANTOS, 1995, p. 17) que reorganizam a paisagem, a configuração espacial e a dinâmica social reinventando a condição de existência de seres humanos, do reino vegetal e animal. Neste caso um saber/fazer dotado de intencionalidade tradicional e privatista, que concebe o espaço somente enquanto recurso para a reprodução ampliada do capital, desconsiderando que ele é abrigo, quadro da vida e morada de povos e populações aonde este evento desencadeia-se.

Sendo estratégica, a dimensão espacial da sociedade é constantemente silenciada pela ação política brasileira, que é marcadamente areal, desconsidera o território como, “quadro da vida” (SANTOS, 2005, p. 137. Toda política do Estado brasileiro, seja de natureza nacional, regional ou territorial é marcadamente areal, desconsideram as condições materiais de existência, bem como as pessoas sobre as quais tais políticas incidem. Trata-se de políticas tradicionais que partem do pressuposto que no planejamento conta apenas a vontade e a ação do agente planejador, não se trabalha com

a ideia de cenário e estratégias espaciais. Afasta-se da política enquanto atividade que privilegia a *res publica*, que transcende a vontade individual e coletiva de um grupo de pessoas e prima por considerar as gerações futuras. Por isso pensar o espaço é pensar o espaço do cidadão (Santos, 2007).

Na teoria miltoniana encontra-se uma utopia, sobretudo quando concebe o lugar enquanto conjunto de possibilidades. É provável que a fonte inspiradora seja o existencialismo sartreano, especialmente quando assevera que o “homem é, antes de tudo, aquilo que projeta vir a ser, e aquilo que tem consciência de projetar vir a ser. O homem é inicialmente, um projeto que se vive enquanto sujeito(...)” (SARTRE, 2012, p. 26). O desdobramento disso é a concepção de espaço enquanto projeto, conjunto de possibilidades, ou melhor, “o lugar enquanto o encontro entre possibilidades latentes e oportunidades preexistentes ou criadas” (SANTOS, 1994, p. 44), cabendo ao geógrafo pensar sob que condições algumas se realizam e outras não.

Todo lugar é uma possibilidade de realização do mundo dada pelas ações, objetos, técnicas e políticas instigando o geógrafo a pensar por que se realiza ou não. Partindo dessa indagação propõe um sistema conceitual contendo sistemas de ações e objetos, técnica, política, tecnoesfera e psicoesfera capaz de tornar o lugar inteligível. Revela-se o lugar enquanto existência e realização, ou melhor, o lugar é onde o mundo se encontra. Ninguém vive o mundo, vive-se no lugar; existimos porque carregamos muitos lugares conosco. Lugares da infância, da escola, do trabalho, da família, enquanto possibilidade de existência da totalidade.

Ao conceber o lugar enquanto conjunto de possibilidades o pensamento miltoniano filia-se a grande utopia da modernidade, notadamente quando se refere a ideia de que no período atual as condições tecnológicas, científicas e informacionais capazes de tratar a “universalidade empiricamente” (SANTOS, 2006b, p. 21) estão amadurecidas. Santos (2006b) afirma que no período técnico-científico-informacional criam-se condições para tornar o mundo um só, empiricamente a totalidade filosófica realizou-se por meio da unicidade dos sistemas técnicos, permitindo a percepção do “planeta como um todo” (SANTOS, 2006b, p. 25). As condições técnicas, científicas e informacionais para tornar exequível a conclamação de Marx; Engels (1998³⁸) estão mais fortes do que antes. No entanto, nesse o período prevalece a reprodução ampliada do capital que instituiu a única “cidadania vigente, efetiva, indiscutível, [...] a da mercadoria” (IANNI, 1992, p. 108). A cidadania mercadológica do capital inclui

38 Publicado em 1848.

excluindo e edifica rede segregadoras. No interior dos espaços de rede pulsam as contradições ambientais, econômicas, éticas, dentre outras, criadoras de condições e possibilidades de emergência do espaço banal e do período popular crítico da racionalidade alicerçada no fetichismo da mercadoria e na alienação do trabalho.

Dado suas contradições e o grau de desigualdade e exclusão, o espaço de rede deve ceder lugar ao “espaço banal, que leva consigo todas as dimensões do acontecer” (SANTOS, 1994, p. 38). O espaço em rede exclui, como se não existissem outros agentes e as redes sociais tornaram-se sinônimo de um novo espaço público ou esfera pública. Como se a única sociabilidade possível e admissível nesse globalitarismo (Santos, 2006b, p. 53-56) fosse a proveniente da *World Wide Web* (WWW), como se a condição humana fosse informacional e em rede. Mas, e os lugares destituídos de condições técnicas que tornam possíveis as redes sociais, eles não existem? E quem não tem perfil nas redes sociais, não existe? Como ficam? No período técnico científico informacional, a sociedade de rede também exclui, ou mesmo ela inclui excluindo, pois, para incluir-se na sociedade em rede tem de usar *internet*, que é paga, e inclui quem pode pagar. A tarefa urgente é construir o espaço de banal, “espaço de todas as instituições, não importa a sua força; o espaço de todas as dimensões do acontecer, de todas as dimensões da totalidade social” (SANTOS *et al*, 2004, p. 255), daqueles que sabem ler e dos que não sabem, dos alfabetizados digitalmente e daqueles que ainda assinam com a impressão digital, porque a grande utopia é pensar o espaço do homem enquanto ser genérico. Não um espaço do capital.

À GUIA DE CONCLUSÃO: SEGUIR AS PISTAS

Podemos dizer que Milton Santos é um clássico do pensamento geográfico contemporâneo. Clássico pelas possibilidades analíticas vislumbradas em sua obra abundante em pistas não exploradas. Uma geografia do evento, uma geografia do tempo, uma geografia da psicosfera, a noção de sistemas de natureza, um tratamento mais pausado sobre o meio natural, a elaboração de uma teoria da transição dos meios e períodos geográficos, bem como a proposição de um período popular são alguns temas e hipóteses de trabalho que reafirmam a necessidade de uma agenda de pesquisa nucleada em torno das demandas da geografia rumo ao seu aprimoramento epistemológico e filosófico. E nesse caminhar, equacionar de modo satisfatório a passagem das relações sociais para o espaço e deste para as relações sociais ainda está na ordem do dia. As

relações sociais referem-se a relações de poder e a política, o que coloca a reflexão sobre o espaço como algo imperativo. E nos desafia a pensar não mais a natureza no espaço, mas a natureza do espaço.

Pensar a natureza do espaço provavelmente seja o convite e o legado de Milton em torno do qual tenta edificar uma agenda de pesquisas geográfica, com relativa autonomia de pensamento em relação à agenda instigada pelas instituições de fomento à pesquisa estatais ou mesmo a que os movimentos e organizações sociais propõem. Nosso entendimento é que o geógrafo tem a responsabilidade científica, política e ética de dizer algo além do que os partidos políticos, os sindicatos e instituições do Estado enunciam. Caso contrário, seria trabalho de Sísifo fazer-se geógrafo para repetir discursos atuais, críticos, importantes, mas não geográficos. Isso porque enquanto ciência, a geografia permite-nos vislumbrar algo além do que dos discursos correntes na sociedade. Não estamos falando de um discurso da certeza, longe disso reiteramos o direito a autonomia de pensamento. Direito de analisar algo de um foco anda não contemplado.

As ciências humanas conhecem pensadores que elegeram a economia como personagem principal, outros a cultura, outros a história, outros a tecnologia, outros a ecologia, outros enfim as lutas de classes. Milton Santos se insere no conjunto de pensadores que reflete globalmente o mundo, uma história mundial. Uma história da civilização humana, mas tendo como personagem principal o espaço. Entendemos que sua obra nos convida a realizar uma narrativa da sociedade tendo o espaço como personagem principal, não se trata da luta de classes, da dinâmica das culturas, dos ciclos econômicos, os modos de produção, mas sim o espaço.

Portanto, a teoria social do espaço reafirma o convite à construção de uma geografia coerente e consistente, tanto nos fundamentos filosóficos e epistemológicos, quanto teórico e metodológicos. No período atual a informação insiste em substituir a formação, predomina a ansiedade pela novidade, a recorrência de citações e o modismo do *download* atualiza a síndrome da xerox denunciada por Eco (2009). Sufoca-se, por esses meios, a criação filosófica e científica e em seu lugar coloca a produção textual normatizada, indexada, padronizada em caracteres e letras. Retira-se a emoção, a intuição, a inspiração, enfim a imaginação do rol dos atributos necessários ao pensamento, que é subjugado pela técnica e razão instrumentais. Esse convite é para lembrar que a criatividade geográfica é necessária ao combate do mais do mesmo e as imposturas intelectuais da sociedade de informação.

REFERÊNCIAS

- COMTE, Catecismo Positivista. In: **Comte**. 5ª Edição. São Paulo: Nova Cultural. 1991, pp. 63-264.(Os Pensadores).
- ECO, Umberto. **Como se faz uma tese**. São Paulo: Perspectiva. 2009.
- HEGEL, **Princípios de filosofia do direito**. 4ª Edição. Lisboa: Guimarães Editores LTDA, 1990.
- IANNI, Octávio. **A sociedade global**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira.1992.
- LEFEBVRE, Henri. **La producción del espacio**. Madrid. Capitán Swing Libros, S. L. 2013.
- MARX, Karl. **O 18 Brumário de Luís Bonaparte**. São Paulo: Expressão Popular. 2008.
- MARX, Karl. **Grundrisse**. São Paulo: Boitempo/Rio de Janeiro: EDUFRJ.2011.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **O Manifesto do Partido Comunista**. Rio de Janeiro: Contraponto/São Paulo: Fundação Perseu Abramo.1998.
- SANTOS, Milton. O espaço geográfico como categoria filosófica. In: **Terra Livre**. O Espaço em Questão 5. AGB. Editora Marco Zero. 1988. Disponível em: <http://www.agb.org.br/publicacoes/index.php/terralivre/issue/viewIssue/9/5> Acessado: 22/08/2019.
- SANTOS, Milton *et al.* O papel ativo da geografia: um manifesto. In: BRANDÃO, Maria Azevedo (Org.). **Milton Santos e o Brasil**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo. 2004. pp. 253-261
- SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**. 4ª Ed. São Paulo: Edusp. 2006a.
- SANTOS, Milton. **Pobreza urbana**. 3ª Ed. São Paulo: Edusp. 2013.
- SANTOS, Milton. **Espaço do cidadão**. 7ª Edição. São Paulo: Edusp. 2007.
- SANTOS, Milton. **O trabalho do geógrafo no terceiro mundo**. 4ª Ed. São Paulo: HUCITEC. 1996.
- SANTOS, Milton, **Ensaio sobre a urbanização Latino-americana**. 2ª Ed. São Paulo: Edusp. 2010.
- SANTOS, Milton. A totalidade do diabo: como as formas geográficas difundem o capital e mudam as estruturas sociais. In: **Economia espacial**. 2ª Ed. São Paulo: Edusp. 2003.pp-187-202.

- SANTOS, Milton. **Espaço dividido**. 2ª Ed. São Paulo: Edusp. 2004b.
- SANTOS, Milton. **Espaço do cidadão**. 7ª Ed. São Paulo: Edusp. 2007.
- SANTOS, Milton. **Espaço e método**. 3ª Ed. São Paulo: Nobel.1992.
- SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado**. 6ª Ed. São Paulo: Edusp. 2008.
- SANTOS, Milton. **Metrópole corporativa fragmentada**. 2ª Ed. São Paulo: Edusp. 2009.
- SANTOS, Milton. O dinheiro e o território. In: **Território, territórios**. Ensaios sobre o ordenamento territorial. Rio de Janeiro: Dp & A Editora. 2006c.
- SANTOS, Milton. O lugar encontrando o futuro. In: **Da totalidade ao lugar**. São Paulo: Edusp. 2005. pp.155-164.
- SANTOS, Milton. O retorno do território. In: **Da totalidade ao lugar**. São Paulo: Edusp. 2005. pp.137-144.
- SANTOS, Milton. Sociedade e espaço: a formação social como teoria e como método. In: **Da totalidade ao lugar**. São Paulo: Edusp. 2005. pp.21-41.
- SANTOS, Milton. Os grandes projetos: sistema de ação e dinâmica social. In: CASTRO, Edna; MOURA, Edila; MAIA, Maria Lúcia Sá. **Industrialização e Grandes Projetos. Desorganização e reorganização do espaço**. Belém: EDUFPA. 1995. pp.13-20.
- SANTOS, Milton. **Pensando o espaço do homem**. 3ª Ed. São Paulo: Editora Hucitec. 1991.
- SANTOS, Milton. Planejando o subdesenvolvimento e a pobreza. In: **Economia espacial**. São Paulo: Edusp. 2ª Ed.2003.pp.13-40.
- SANTOS, Milton. **Por uma geografia nova**. 6ª Ed. São Paulo: Edusp. 2004a.
- SANTOS, Milton. Novos rumos para a geografia brasileira. In: SANTOS, Milton (Org.). **Novos Rumos da Geografia Brasileira**.3ª Ed. São Paulo: Editora Hucitec. 1993.
- SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização**. Do pensamento único à consciência universal. 13ª Ed. São Paulo: Editora Record. 2006b.
- SANTOS, Milton. **Técnica, espaço e tempo. Globalização e meio técnico-científico informacional**. São Paulo: Hucitec. 1994
- SANTOS, Milton; SILVEIRA, Maria Laura. **O Brasil. Território e sociedade no início do século XXI**. Rio de Janeiro: Editora Record. 2001.

SARTRE, Jean-Paul. **O existencialismo é um humanismo**. Petrópolis: Editora Vozes. 2012.

SARTRE, Jean-Paul. Questões de Método. In: **Crítica da Razão Dialética**. Precedida de Questões de Método. Rio de Janeiro: DP& A Editora. 2002. pp.17-134.

ÉLÉMENTS D'UNE THÉORIE SOCIALE DE L'ESPACE: INVITATION À LA PENSÉE DE MILTON SANTOS.

L'article expose les caractéristiques constitutives de la théorie sociale de l'espace chez Milton Santos. Initialement, il situait le champ discursif de sa pensée pour indiquer quelques points de son programme de travail, ainsi que ses critiques à l'égard de la connaissance / de la géographie qui nous conduit à la théorie sociale de l'espace social esquissé par lui. Pour cela, nous privilégions les travaux Pour une Nouvelle Géographie, Espace et Méthode, Métamorphoses de l'Espace Habité et de la Nature de l'Espace, car ce sont quatre émanations de la théorie sociale de l'espace vers son douloureuse amélioration philosophique, épistémologique et conceptuelle. Loin d'une herméneutique de l'espace, nous sommes aux premiers pas d'une épistémologie de la géographie Miltonienne, une invitation à penser à la pensée Miltonienne.

Mots-clés: Théorie sociale, Espace, Pensée, Milton Santos.

ELEMENTS OF A SOCIAL THEORY OF SPACE: AN INVITATION INTO THE THINKING OF MILTON SANTOS.

The paper showcases outlines of the social theory of space by Milton Santos. It initially situates the discourse field of his thinking to indicate some points of his working agenda, as well as his criticisms of the knowing/doing of geography, which leads us to the social theory of space he outlined. To that end, we focused on the works Por uma Geografia Nova, Espaço e Método, Metamorfoses do Espaço Habitado, and A Natureza do Espaço as these are four manifestations of his construction towards his painful philosophical, epistemological, and conceptual growth. Far from hermeneutics, we are at the first steps of an epistemology of Miltonian geography, an invitation to Miltonian thinking.

Keywords: Social theory, Space, Thinking, Milton Santos.

Recebimento: 08/2019

Aceite: 01/2020